

bém Saramago reconheceu algumas das suas influências, embora tenha sido mais parcimonioso; mas é claro que, para além dos clássicos portugueses, se integra numa tradição narrativa mais moderna que passa inevitavelmente por William Faulkner e pelo realismo mágico hispano-americano, nomeadamente por Mario Vargas Llosa, não obstante as diferenças ideológicas que separam os autores de *Memorial do Convento* e de *Conversación en la Catedral*.

Em suma, não duvido um instante que seja de que nos encontramos perante um livro que marca o centenário do nascimento de José Saramago e que merece a leitura atenta de todos os admiradores de Fernando Pessoa e do autor distinguido com o Prémio Nobel em 1998. Uma leitura estimulante, portanto, mesmo quando não estejamos completamente de acordo com tudo o que nela se diz.

António Apolinário Lourenço

https://doi.org/10.14195/2183-847X_13_14

PESSOA. UMA BIOGRAFIA.

RICHARD ZENITH

Trad. de Salvato Teles de Menezes e Vasco Teles de Menezes

Lisboa: Quetzal Editores, 2022

1182 páginas, ISBN 978-989-722-756-1

Pessoa. Uma Biografia, de Richard Zenith, apresenta a investigação mais atualizada sobre a vida do escritor

português. O trabalho recolhe décadas de investigação pessoal e treze anos dedicados precisamente ao texto que convoca esta recensão. A obra está estruturada em quatro partes ao longo de setenta e seis capítulos e mais de mil páginas: “O estrangeiro nato (1888-1905)”; “O poeta como transformador (1905-1914)”; “Sonhador e civilizador (1914-1925)”; e “Espiritualista e humanista (1925-1936)”. Os capítulos são complementados a seguir por epílogos, mapas, cronologias e notas que finalizam um grande esforço de síntese e minuciosa recolha de dados; os capítulos são antecedidos por uma seleção dos heterónimos e de autores fictícios, que consta de 47 entradas, intitulada *Dramatis personae*, e um prólogo em que o biógrafo faz um estado da arte sobre as biografias do poeta e contextualiza alguns dos focos da hermenêutica pessoal, tais como a heteronímia, a natureza do espólio, o processo criativo e a sexualidade. Segundo Zenith, a paixão pela literatura, a política, a procura da verdade e a sexualidade são interesses presentes em Pessoa que se vão interconectando, em fuga e variações, desde o início e ao longo de sua vida através de diversas manifestações. Como assinala o próprio autor, sua maior ambição com a biografia foi “cartografar, quanto possível, a sua vida imaginativa [a de Pessoa]” (p. 34). Ao citar John Keats, “a vida de um homem digna de valor é uma alegoria contínua” (Keats *apud* Zenith, *idem*), o especialista afirma que a ale-

goria em Fernando Pessoa está no facto de pouco sabermos sobre o homem. As obras e o drama em gente são os comentários que levam o biógrafo a afirmar que “a vida de Pessoa, de uma forma não inferior à de Shakespeare, foi uma alegoria” (p. 35). Ou a vida de um homem como um hermético e inacabado poema, para usar uma frase de Nabokov em *Pale Fire*.

Com base nessa contextualização, na primeira parte, “O estrangeiro nato (1888-1905)”, Zenith narra, em treze capítulos, a infância e adolescência de Pessoa. Destaca-se, entre os muitos elementos a elencar, como vai o biografado dando forma à tenra tendência para a ficionalização, muitas vezes em forma de brincadeiras, com que constrói seres e situações imaginárias. De Lisboa a Durban e de volta a Lisboa novamente, assiste-se à formação sentimental de Pessoa que passou pela criação do seu “teatro privado de personae” (p. 231) e pelo início de sua biblioteca particular, onde podem identificar-se alguns dos textos que farão parte da rede intertextual que nutrirá a obra e sua construção enquanto autor: Poe, Shakespeare, Wordsworth, Milton, Keats, Shelley, Baudelaire, entre outros.

Na segunda parte, “O poeta como transformador (1905-1914)”, o especialista aprofunda, em vinte e um capítulos, no trânsito da juventude à maturidade do poeta no seu regresso a Portugal, onde Pessoa continuará a formação sentimental no contexto literário português e irá construindo a

base teórica, poética e existencial que sustentarão os ismos, a heteronímia e a estética do fingimento, nos albores da Primeira Guerra Mundial e depois do colapso da Monarquia Constitucional e da instauração da Primeira República Portuguesa.

Na continuação, a terceira parte, “Sonhador e civilizador (1914-1925)”, ressalta-se, nos vinte e um capítulos que a compõem, a descrição da génese dos heterónimos e a gestação de *Orpheu* e do modernismo português no contexto das vanguardas e do advento do fascismo em toda a Europa. Trata-se de um momento de efervescência criadora que termina com a morte da mãe e com a publicação do último número da revista *Athena*, na qual Pessoa se apresenta como poeta, ensaísta e criador de Caetano, Reis e Campos. Segundo Zenith, a morte da mãe, que supunha um elo com o eu pré-literário de Pessoa, “deixara-o numa deriva existencial, a debater-se no oceano literário dos seus desejos, medos, sonhos e palavras” (p. 748). Esse facto somou-se à “falta de reação aos poemas de Caetano revelados na revista *Athena*” (*idem*), o que levou Pessoa a cancelar os planos de publicação do heterónimo e a não voltar ao mestre até finais dos anos vinte. Para o especialista, a próxima década na vida de Pessoa, sua última, estaria marcada mais pela rendição do que pela expansão.

Na sequência destes acontecimentos, em “Espiritualista e humanista (1925-1936)”, quarta e última parte da

biografia, detalha-se, em vinte e um capítulos, a última década de vida do poeta no contexto da Ditadura Nacional, do Estado Novo e da consolidação do fascismo na Europa. Esse período estará marcado nos primeiros anos pela dor perante a morte da mãe e por um progressivo isolamento e uma constante desilusão que se manifestará na sensação de que a vida não é suficiente. Mesmo assim, “até ao final, a literatura continuou a atrair Pessoa, por mais desiludido que ele se sentisse. [...] As palavras continuavam a seduzi-lo, exigindo-lhe fidelidade e requerendo ser enunciadas” (p. 1032). Para o biógrafo, Pessoa fez da própria vida matéria de investigação que sublimou mediante a escrita literária, filosófica, política, religiosa... Os referidos escritos pessoais respondem, assim, a uma vontade criadora experimental que acolhe a contradição e que não se deixa enclausurar “em qualquer escola de pensamento, acção ou arte” (p. 1046).

A referência do próprio Zenith na biografia à alegoria como forma de entender a vida de Pessoa pode ser lida à luz de Paul De Man e, concretamente, das *Alegorias da Leitura*. Para o crítico norte-americano de origem belga, no texto mencionado, a crítica é um ato performativo de leitura já que toda a gramática sofre efeitos tropológicos. A retoricidade da linguagem não é só uma questão literária, afeta também os metadiscursos, que são a base de qualquer representação filosófica, teórica ou científica da realidade. Pode-se

resumir em uma frase de Nietzsche o argumento demaniano: “a verdade é um exército móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos”. Segundo De Man, a desconstrução da ficção literária e seus processos retóricos é um efeito tropológico de abertura à verdade, mas em constante deslocamento. Em outro texto, “A autobiografia como desfiguração”, afirmará que todo texto é autobiográfico pelo mesmo motivo que todo texto não o é, já que, por um lado, toda ficção terá algum elemento baseado, por menor que seja, em alguma experiência real; e, por outro, o uso de tropos prefigura uma determinada representação.

Esse breve resumo do pensamento demaniano serve para ressaltar a dificuldade que a biografia de Zenith teve de enfrentar ao biografar alguém tão cuidadoso com a própria intimidade como foi Fernando Pessoa. Algumas biografias chamam a atenção para o debate teórico entre história e literatura: o salto ontológico entre o homem e a obra, uma relação causal que explicaria o segundo pelo primeiro ou vice-versa, depende da posição teórica que se adota. Cartografar Pessoa levou décadas de investigação e de leituras e aproximadamente treze anos de escrita, nos quais o especialista reconstruiu a vida imaginativa do escritor a partir da obra e dos testemunhos de que dispunha, em um constante diálogo ou deslocamento entre os textos pessoais, enquanto alegorias, e os esquivos vestígios de uma vida discreta. Os saltos

entre planos são efetuados mediante a narração, que conjectura com base nos rastros e na investigação, tanto do próprio Zenith como de outros especialistas que cita como fontes de pesquisa. Poderá haver quem acredite que um salto deveria ser feito a outro plano ou sentido, haverá quem acredite que a distância ontológica entre o homem e a obra é ampla demais para certezas. A biografia está determinada pelas

escolhas do biógrafo e sua interpretação dos fatos e fontes disponíveis. Em qualquer caso, mesmo que a verdade seja um “exército móvel de metáforas”, as alegorias da leitura não embaçam um trabalho que, no seu conjunto, é o mais completo e atualizado sobre a vida de Fernando Pessoa.

Diego Giménez

https://doi.org/10.14195/2183-847X_13_15